

Mulheres da Maré são assistidas pela UFRJ e vão conquistando cidadania

Há cinco anos, as mulheres das comunidades vizinhas à UFRJ contam com um espaço especial de estímulo ao desenvolvimento de sua cidadania. É o Centro de Referência de Mulheres da Maré Carminha Rosa, um projeto desenvolvido pela Secretaria Especial de Direitos Humanos (governo federal) tocado pela Universidade com o apoio de outros órgãos.

O Centro está instalado no quintal do Posto de Saúde da Vila do João, que foi outra iniciativa da UFRJ na gestão do reitor Horácio Macedo. Funciona de segunda a sexta-feira, das 8h às 17h, e reúne mulheres dos 18 aos 70 anos. É um ponto de encontro para conversas, para aprendizado profissional, para trabalhar o corpo e a mente através da arte, como dança e literatura.

Elas decidem

A filosofia do Centro é ajudar as mulheres, informá-las, mas sem induzi-las a nada. “Elas decidem o que querem fazer com o aprendizado prático profissional”, explica a coordenadora Eliana Amorim Moura, professora aposentada da Escola de Serviço Social da UFRJ. Ela integra o projeto desde o início e foi uma das responsáveis pela concepção político-pedagógica.

A iniciativa do Centro — que faz parte da política nacional de enfrentamento da violência contra a mulher — partiu da decana do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH), Suely Almeida, que morreu de câncer em 2008. Hoje quem responde pela iniciativa é o Núcleo de Estudos de Políticas Públicas em Direitos Humanos (NEPP-DH).

A casinha de dois andares construída no terreno do Posto de Saúde da Vila do João não comporta a dinâmica rotina do Centro.

Mas com criatividade, as responsáveis vão driblando a carência de espaço. Por exemplo: a Oficina Cozinhando com Arte foi montada num contêiner de módulos. Uma tenda sobre piso de cerâmica feito pela Prefeitura Universitária abriga a oficina de flores.

“Antes eram duas salinhas, não tinha banheiro, telefone e internet. O prédio atual foi construído em convênio com a Secretaria Especial de Direitos Humanos e o CFCH.” Eliana fez questão de registrar a ajuda que elas recebem da Prefeitura Universitária desde o início de implantação do Centro. “A Prefeitura construiu banheiros, copa, instalou linha telefônica e internet e sempre estamos pedindo o auxílio do prefeito Hélio de Mattos, como também de outros setores da Universidade, como do Horto.”

Juntando as moradoras da Vila do João e dos bairros próximos, como Vila dos Pinheiros, Novo Pinheiro, Conjunto Esperança e Salsa e Merengue, com as equipes de trabalho, é uma profusão de mulheres que habitam cotidianamente o Centro. Há ainda os filhos das atendidas, que, nas horas vagas da creche ou escola, compartilham com elas as atividades artísticas.

Trabalham no Centro assistentes sociais e administrativas, psicólogas, advogadas, que são funcioná-



Fotos: Cícero Rabello

A fachada do Centro



Oficina Cozinhando com Arte



Eliana



Marli



Claudia

rios ou estagiários da UFRJ ou bolsistas pela Fundação Universitária José Bonifácio. Os recursos chegam da Secretaria Especial de Políticas para Mulheres, da Secretaria Especial de Direitos Humanos, Unesco, Fundo das Nações Unidas para Mulheres, entre outros órgãos.

Falta de compreensão

A queixa atual da coordenação é dirigida à Pró-Reitoria de Extensão da UFRJ (PR-5). “Contávamos com dez bolsas de extensão, mas este ano a PR-5 só renovou três. Esperamos que tenha sido um equívoco”, ameniza Eliana Moura. Ela lembra que as oficinas sociais já conquistaram cinco menções honrosas da Congregação de Extensão. E acrescenta que não existe no Brasil nenhum centro com características de ensino, pesquisa e extensão, o que viabiliza a função social da Universidade, que é compreender a realidade, estudar, pesquisar, gerar conhecimentos capazes de transformar a sociedade.

Quem são elas

A maioria das mulheres que frequenta o Centro não tem emprego fixo, mas ajudam no orçamento doméstico com trabalhos autônomos, algumas são pensionistas ou vivem do Bolsa Família. Essa é uma das razões que justificam as oficinas sociais e os projetos de empreendedorismo. “Criamos a Oficina de Cuidando de Criança” porque descobrimos a grande incidência de mulheres que cuidam de filhos da vizinha enquanto elas trabalham fora”, informou a psicóloga e coordenadora do Centro, Claudia Bezerra.

Com o Sebrae o Centro desenvolve dois módulos de empreendedorismo: “Juntos Somos Fortes e Aprende a Empreender”. Mas as ações extrapolam as salas apertadas do Centro. “Superando a Desigualdade de Gênero” é um projeto que levamos aos professores das escolas públicas da Maré. Outro projeto é de “Capacitação de Agentes de Saúde do Entorno”, com cursos sobre direitos humanos, direitos da mulher, violência de gênero, e expli-

camos a Lei Maria da Penha para os funcionários dos quatro postos de saúde da Maré. É muito importante capacitá-los, porque os agentes comunitários de saúde percorrem as ruas dos bairros todos os dias e são eles quem mais encaminham mulheres vítimas de violência doméstica para nós”, disse Eliana Moura.

As equipes do Centro também estão à disposição de convite de outros municípios, entidades e associações, como sindicatos e organizações de moradores para dar cursos e capacitar para criação de centros como o da Maré.

Outra oficina que começa a ser posta em prática é a Dandaras Maré: Trançando Histórias de Solidariedade para Superação do Racismo. Estimulada pela descoberta de que o Complexo da Maré concentra no Rio de Janeiro o maior número de imigrantes angolanos. Em 2008, a Secretaria de Mulheres conseguiu aprovar dentro do PAC o Plano de Enfrentamento à Violência contra Mulheres, que consiste no projeto Maré de Mulheres: Te-

cendo Rumos e Gerando Ações de Empreendedorismo de Cidadania e Efetivação de Direitos das Mulheres da Maré.

Descoberta do mundo

Os cursos oferecidos nas oficinas têm carga horária de 90 horas, sendo que 15 horas são dedicadas a atividades culturais. São nos momentos de exercícios corporais, como dança, de contação de história que as mulheres vão liberando a fala. Nos passeios pela cidade, nas idas ao teatro, por exemplo, muitas vezes levando os filhos juntos, que as mulheres da Maré também vão descobrindo o mundo e que têm direitos. “Muitas mulheres nunca saem daqui de dentro da Maré, nem à praia vão. Quando participam dos passeios e retornam ao atendimento parece que o mundo se abriu para elas”, disse a psicóloga.

Para as coordenadoras do Centro, é difícil para a mulher se livrar dos maus-tratos domésticos. E consideram a violência psicológica, que é lenta e com requintes cruéis, muitas vezes pior que a física.

A contribuição de Marli — Durante 20 anos Marli Rodrigues da Silva trabalhou na Coppe como auxiliar administrativa. Em 2008 ela concluiu o curso de Assistente Social na Suam e não teve dúvidas: “Quero ir para o Centro de Referência de Mulheres da Maré Carminha Rosa.” Da maioria dos colegas ouviu a seguinte frase: “Você vai fazer uma loucura.” Mas não vacilou e pediu a transferência. Hoje Marli se considera uma outra pessoa, útil e com oportunidades de crescimento pessoal e profissional.